

A necessidade da loucura

Silvia BRACCO

Em 1917, na *Conferência Introdutória XXVII*, Freud sintetiza os objetivos do processo analítico. Estamos ainda na primeira tópica, e ele está falando do tratamento de pacientes neuróticos. Segundo ele, o conflito patogênico nos neuróticos se dá entre dois sistemas, o pré-consciente/consciente e o inconsciente. O conflito não tem como ser resolvido, porque os contendores, tal como o urso polar e a baleia, habitam campos distintos, isto é, não se encontram no mesmo chão. É preciso transformar o conflito neurótico em um conflito comum. Para isso, os elementos inconscientes do conflito precisam ser tornados conscientes. “*Penso que a única tarefa de nossa terapia consiste em tornar isso possível*” (p. 506).

Esta citação me ocorreu em função dos caminhos percorridos pela análise de Lia. Uma paciente com uma estrutura psíquica predominantemente neurótica, cuja vida amorosa e sexual estava submetida a um excesso de recalque, de modo que o desejo lhe era inacessível, habitava águas profundas como a baleia no exemplo dado por Freud. Aos poucos, esses elementos foram se tornando conscientes, e ela pôde se apropriar de uma parte fundamental de sua vida psíquica, dando ao conflito um novo destino. Não sem “*enlouquecer*” durante certo tempo em função dos novos conflitos que isso gerou.

Nessa mesma linha,, nos seminários clínicos que ministrou em 2008 no, apresenta um caso de um analisando que, no meio do processo, se desorganiza de um modo que o deixou preocupado. Em seguida, entende que, em função de sua história emocional, ele tinha a *necessidade de enlouquecer*. Observa que a “*loucura*” – certo desregramento nada habitual para este paciente – era vivida por ele com a mais profunda alegria, era um movimento genuíno, algo próximo ao gesto espontâneo de Winnicott, e que precisava ser simplesmente acompanhado de perto.

Lia, fez este mesmo tipo de movimento. O que mais me sensibilizou nesse atendimento foi perceber que a paciente tinha uma verdadeira necessidade de enlouquecer para aceder a uma nova posição subjetiva. É esse o recorte que pretendo explorar.

O mundo interno

Lia iniciou a análise algum tempo depois da morte da mãe. Ela não conseguia fazer o luto e achava uma reação anormal.

Os temas predominantes eram doença, sofrimento e morte. Conta que acompanhou a doença da mãe por muitos anos. Ela tinha uma cirrose grave e acabou falecendo.

A elaboração do luto tem início com a apresentação da figura materna. Resgatava sua história familiar a partir de lembranças e questionamentos sobre a vida da mãe. Referia-se a ela como uma mulher à frente do seu tempo, que casou com um homem tradicional e sucumbiu às suas vontades. Nas lembranças, a mãe poderia ter sido muito mais do que foi, mas resignou-se diante do marido. Descrevia, portanto, um objeto interno marcado pela submissão e renúncia.

Eu podia retrair as identificações femininas a partir de seus relatos. Ela creditava sua vida culturalmente rica à herança materna, que vinha de uma família árabe ligada ao mundo das artes. Havia uma identificação, embora tênue, com um lado vivo da mãe, pulsional, vibrante. Do lado do pai, cuja origem também é árabe, as histórias predominantes eram de mulheres sofridas e deprimidas. Desta herança sempre teve muito medo. Em suma, a posição subjetiva destas mulheres lhe produzia muita angústia.

A figura masculina internalizada era pouco potente. Seu pai perdeu tudo e é ela quem sustentava a maior parte das despesas da casa, o que não lhe permitia nem pensar em ter uma vida própria, pois não se imaginava vivendo longe do pai, de quem tinha de cuidar. Namorava João, um homem sensível, também ligado às artes, visto como alguém frágil e pouco viril. Eles tinham uma relação afetuosa, mas sem desejo sexual.

O desejo da mãe

Com relação à figura feminina, ao longo da análise Lia conta que a mãe tinha um segredo compartilhado apenas com ela: nunca esqueceu o primeiro amor, ao qual teve de renunciar por pressões familiares. Conheceu “um homem maravilhoso” num dos saraus que a própria mãe (avó de Lia) promovia em sua casa. Ian era um artista ligado a uma companhia de dança libanesa que se apresentava na cidade. Os dois queriam se casar, mas a família proibiu, pois ele era um bailarino. Eles nunca mais se encontram, mas passaram a se corresponder. A correspondência, como Lia veio a descobrir mais

tarde, era volumosa. A mãe contava tudo a Ian: seu casamento, o nascimento dos filhos, a vida. Ele acompanhou à distância a trajetória da mulher da qual nunca se desligou totalmente. Era quase um “amante virtual”, como acontece hoje com frequência.

Lia não entendia como a mãe se casara com seu pai, pouco culto, de mentalidade estreita, que limitou sua vida. Ela idealizava o homem que sua mãe desejara. Imaginava a vida rica e interessante que poderia ter levado ao seu lado.

Surpreendentemente, quando Lia conheceu Ian, por ocasião de uma viagem que fez a trabalho, anos depois da morte da mãe, confirmou sua fantasia. Ele se tornou um empresário bem sucedido estabelecido nos EUA. Lia “herdou” de sua mãe o segredo, e viveu um conflito entre o desejo de conhecer este homem (depois da morte da mãe), e o medo de, com isto, estar traindo o pai. No avião, a caminho de conhecê-lo, foi violentamente invadida pela angústia. São os primeiros movimentos do que, mais tarde, denominei, de “lençol freático” pulsional, em vias de jorrar descontroladamente num gêiser de água fervente. A idéia era da presença de água correndo por debaixo de uma terra seca, árida, como era sua vida, água até então inacessível.

Primeira crise: núcleo psicótico

Lia chegou a sessão muito angustiada com a notícia de que estava grávida. Após mais ou menos três semanas, teve um aborto espontâneo. Sentiu culpa e alívio. Ao final deste processo João se mudou para sua casa após 11 anos de namoro.

Na mesma época Lia recebeu uma nova turma no curso que coordenava em seu trabalho. Este curso assumiu, em minha escuta, valor de representação de seu narcisismo. Era um objeto extremamente investido por ela, fonte de muita angústia e ansiedade. Sempre foi muito perfeccionista em relação a tudo que se referia ao planejamento e desenvolvimento do mesmo. Acompanhava tudo nos mínimos detalhes.

Um dos novos alunos passou a atacá-la, e ao curso, violentamente. Falava mal dos professores para a coordenadora geral, aliciava os alunos contra Lia. Ela temia pela sobrevivência do curso. Ficou desesperada, só falava disso nas sessões, percebia estar lidando com um rapaz muito destrutivo mas não sabia como manejar a situação. Se segurou, até o término do curso, mas em seguida, entrou em uma depressão profunda. Afastou-se do trabalho por um longo período e só levantava da cama para vir à análise, trazida pelo pai. Entendo que o que eclodiu neste momento era uma angústia de fragmentação: o curso/ela estava ameaçado em sua integridade, suas reservas narcísicas

tinham se esgotado nesta luta de vida ou morte. Foi um período muito doloroso e por fim foi medicada.

A intensidade brutal dos afetos em jogo sinalizava que estávamos em terreno psicótico. Meu trabalho consistia em ir nomeando esses elementos, costurando um sentido para estas experiências. Penso que elaborar esse núcleo psicótico pode ter sido condição para, posteriormente, entrar em terreno edípico.

Segunda crise: o conflito neurótico

A segunda crise eclodiu a partir do momento em que Ian se materializou na vida de Lia. Como relatei anteriormente, anos depois, por ocasião de uma viagem com o marido aos EUA, teve vontade de conhecer Ian. Os arranjos foram feitos para que Lia e Ian se encontrassem. Ele fez questão de convidá-la a hospedar-se em um hotel, com todas as despesas pagas por ele. Lia estranhou a situação mas aceitou o convite. Contudo, ela deixou claro que estava indo acompanhada do marido, revelando sua fantasia – projetiva – de que ele poderia estar interessado nela. Essa fantasia se revelou completamente equivocada sugerindo como ela estava confundida com sua mãe.

Lia se interessou em conhecer Ian justamente quando conheceu e se interessou por Teo, um novo aluno com quem, pouco depois, veio a ter um relacionamento intenso. Conta que ao longo da viagem sentia um estranhamento com a situação. Penso que o interesse por Teo se misturava ao interesse da mãe por Ian. O estranhamento no avião anunciava a eclosão do lençol freático de uma vida pulsional até então invisível e sob controle.

O estranhamento a acompanhou durante todo o tempo em que conviveu com Ian e sua família. Ela se perguntava o que estava fazendo ali, relata momentos de muito incomodo em que Ian e seus familiares conversavam em árabe e ela e seu marido ficavam completamente excluídos, sentia não ter nada a ver com aquelas pessoas, aquele universo.

O objeto desperta a pulsão¹: a libido volta a fluir

Assim que retornou a São Paulo, envolveu-se com Teo. Quando teve a primeira relação sexual com ele, sentiu muito prazer e muito medo. Viveu experiências de uma intensidade excessiva, e se desorganizou. Certo material clínico ilustra este momento e

¹o primário são “despertar a pulsão”, e também conter a pulsão, uma vez despertada, para que ela não inunde o sujeito em vias de constituição.

sua ambivalência. Ela relatou que uma noite após o curso, eles saíram, e ele a convidou para entrar numa boate chamada “A Louca”. Ela ficou tentada, mas recusou. No meu entendimento, ela percebia que estava se aproximando de um terreno desconhecido, perigoso e fascinante. Entendo que o desejo/medo de enlouquecer tinha a ver com o levantamento do recalque da vida pulsional. A angústia que era mantida sob controle pelo recalque irrompe e ela, de fato, se desorganiza muito.

Mesmo em meio a esta desorganização, com muita culpa e angústia, ela decidiu que, em suas palavras, “*precisa viver isto*”. Falava dos riscos que estava correndo, do medo de estourar seu casamento, mas não estava disposta a renunciar a experiência. Ao mesmo tempo, contou que estava se sentindo viva. Dizia: “*este homem me injetou vida*”. Havia uma alegria genuína em sua fala.

A libido voltava a fluir. E não apenas no plano sexual propriamente dito, mas também com relação à sexualidade no sentido freudiano do termo: outros objetos passaram a ser investidos libidinalmente. Pela primeira vez eu a via vibrando com o trabalho, em lugar de se cobrar. O marido, ficou muito incomodado com esta animação. Disse que era uma alegria falsa, mero efeito do remédio - Lia estava medicada desde a primeira crise. “*E se for, e daí?*”, dizia ela. A relação com o marido, naturalmente, foi afetada por essa transformação.

A imagem do lençol freático surgiu, como já disse, de minha percepção de uma vida pulsional correndo logo abaixo do solo, invisível para ela mesma, porém rica e potente. Mas essa “água” não a nutria. Vivia numa situação de aridez que a empobrecia.

Quando isso veio à tona, veio inicialmente com uma pressão incontrolável. Imaginei um gêiser – de água fervendo – com a água subindo muitos metros de altura pela pressão que, em termos metapsicológicos, equivalia à pressão do recalque. Um recalque excepcionalmente potente, na medida em que parecia carregar elementos transgeracionais: algo do inconsciente materno.

Apesar da angústia e do sofrimento que viveu nesse momento, conseguiu suportar aquilo que, em suas fantasias, seria catastrófico. Em lugar de “estourar com sua vida”, aconteceu o oposto: ela foi se apropriando de todo um aspecto de sua vida psíquica até então desconhecido ou mantido à distância. Em outras palavras, foi se tornando sujeito de seu desejo. O lençol freático começava a nutri-la, mesmo em meio à violência do jato.

Uma sessão ilustra este momento.

Entrou com a perna “dura”. Me disse que o joelho estava ralado. Contou que na noite anterior foi ao encerramento do curso e voltou da festa às 6 da manhã.

Diz: *“Me peguei tendo ciúme do Teo. Estou tentando me afastar dele, mas não consigo, nunca me senti assim...”*.

P - Uma das alunas, bonita e burra, terminou o namoro e está uma “vaquinha” – nossa, que preconceito, o meu.

Nunca a ouvi falar assim, com um vocabulário tão livre. Começavam a aparecer afetos que não faziam parte de seu universo: ciúme, rivalidade. Ela se vendo como uma “vaquinha”? (não digo nada neste momento).

P - Deu em cima do Teo, fiquei com ódio e não podia fazer nada, afinal, sou a professora. O que fui ver numa pessoa tão complicada como Ele...é doce, carinhoso, inteligente; isso me seduz muito, ele me atrai muito e me assusta, é maluco, é uma vontade de estar junto, conversar e a atração sexual...Fico muito confusa com isso tudo.

A sessão transcorreu com o tema do ciúme dela, e em seguida lembrou de como seu pai era ciumento e possessivo em relação à mãe. Até, finalmente, dizer que no fim da noite ela e Teo ficaram juntos. Deu a entender que o joelho ralado tinha a ver com a relação sexual que corou a noite. Questionou novamente o que a atraía nele. Descreveu uma situação em que está com um vestido largo, e ele diz que sabia qual era a lingerie que estava usando. Diz: *Como ele podia saber?* Entendo que Teo fez surgir o feminino recalcado.

S- Ele enxerga a mulher que há em você, e que você estava ocultando.

Sujeito do desejo ou atuação?

Protegida num corpo gordo, ela sempre teve dificuldade com meninos, escondia-se na escola para não ser alvo de chacotas. Ao longo dos anos foi encontrando lugares mais “narcisantes” para si, até se formar e entrar na área de restauro de documentos antigos e obras de arte e se apropriar deste lugar. Assim, do ponto de vista da constituição do eu, ela conseguiu, aos trancos e barrancos, estruturar um narcisismo relativamente estável. Em algum momento, encontrou João, seu atual marido um companheiro que parecia buscar nela mais uma mãe do que uma mulher.

Teo não “surgiu do nada” na vida de Lia: ele apenas se tornou “visível”. Até então, muitos “Teos” devem ter cruzado sua vida, mas ela nunca os tinha visto. O processo analítico preparou o terreno para que isso fosse possível. Com a análise, ela começou a “sentir coisas” e a nomear o que sentia. A gravidez e o aborto, bem como o curso em que foi alvo de ataques violentos, foram momentos de alfabetização emocional. Até então, tudo era angústia, aflição, desespero.

A análise foi abrindo frestas nessa trincheira que segurava toda sua vida pulsional. Até então, as energias eram investidas para manter suas defesas intactas. Estas eram proporcionais à “Louca” (retomando o nome da boate à qual Teo desejava levá-la, e onde ela se recusou a entrar) que emergiu do “lençol freático”. De certa forma, ela intuía que, quando liberadas, as pulsões “enlouquecidas” poderiam fazer estragos.

Mas, de onde teria surgido o pavor da “Louca” – isto é, o pavor de não conseguir conter sua vida pulsional? A partir da contratransferência pude fazer uma construção – que mantive para mim – sobre que tipo de objetos parentais ela teria tido. Posso imaginar a “criança nela” como uma menininha edipiana cujo erotismo teria assustado muito os seus pais. Talvez o mais assustado fosse o pai, identificado a uma cultura que cobre as mulheres com burcas, evidenciando o medo da sexualidade feminina. Assim, essas figuras parentais, em lugar de conseguir conter a pulsionalidade edipiana, invadiram-na com seu próprio medo. Eles a olharam e refletiram a imagem de uma “louca” por apresentar abertamente os afetos normais da crise edipiana. Ela acabou por internalizar e se identificar com este olhar sobre ela, de forma que passou a sentir que o erotismo era mesmo algo terrível, assustador, uma “loucura” a ser evitada a qualquer preço. Isso a tornou uma pessoa sem graça, desvitalizada.

Num primeiro momento, identifiquei-me a estas figuras parentais. Assustei-me com o que me parecia potencialmente desastroso em seu relacionamento com Teo. Foi o que me autorizou a fazer a construção acima, mas logo entendi que ela precisava viver esta floração erótica acompanhada de um objeto (analista) que sustentasse sua desorganização.

No início, o congelamento da vida pulsional se manifestava no clima das sessões. Eram repletas de relatos detalhados do cotidiano, desvitalizados, sofridos, que revelavam sua rigidez e uma extrema inibição. Não se autorizava a ocupar lugares de autoridade – a coordenação da sua equipe de trabalho, etc.

Hoje seus relatos são completamente diferentes, diz: “*Teo tem idéia fixa sobre sexo, sente atração por todas as mulheres, não será uma perversão?*” Assustada, ela comenta: “*Eu também me sinto atraída por pessoas no metrô*”. Entendo que ela se perguntava sobre si mesma, se não estaria ficando louca: Ela se refere à musica de Chico Buarque: “*o que será, que será, que dá dentro da gente, e não devia?*”².

Havia um ponto muito intrigante nisso tudo. Ao lado do surgimento do sujeito do desejo, penso que havia também uma dimensão de atuação – talvez de questões transgeracionais. Fiz esta hipótese porque – além da identificação com objetos parentais excessivamente assustados com a vida pulsional, tal como descrevi acima – havia um curioso entrelaçamento entre a história de Lia e a de sua mãe.

Entendo por *transmissão transgeracional da vida psíquica* a passagem de elementos psíquicos não simbolizados pela geração anterior à geração seguinte. Os pais só podem se comportar, durante a crise edipiana dos filhos, a partir de como elaboraram sua própria sexualidade e seu próprio Édipo. Áreas de recalque e áreas de não simbolização serão atuadas sobre os filhos. Volto ao entrelaçamento entre as duas histórias.

Durante anos Lia cuidou da mãe doente, sentindo que não podia viver sua própria vida. Do meu ponto de vista, este material nos dava notícia de uma filha aprisionada dentro do sofrimento materno, e, ao mesmo tempo alienada no desejo de sua mãe. Neste sentido, nenhuma das duas podia ser mulher. O feminino estava obstruído para ambas. A mãe ficou no casamento, mas adoeceu. Ela, Lia, também estava enterrada em uma relação que descrevia como fraterna, sem erotismo, pelo marido. As duas exibiam no corpo a impossibilidade de acesso a um feminino, revestindo-se de gordura. Agora, nessa nova etapa de sua vida, emagreceu e se tornou uma mulher atraente. Sua reação depois da morte da mãe mostra que a relação que mantinha com ela era de natureza narcísica: havia uma dor devastadora que não era atenuada com o tempo, pois perdera uma parte de si.

A questão do entrelaçamento entre sua história e a da mãe tomou mais corpo quando Ian surgiu em sua vida, como relatei anteriormente. Ele procurou a família para uma visita de condolências, após a morte da mãe. O pai, enciumado, não o recebeu. Ian deixou um cartão, e Lia ligou para se desculpar pela grosseria do pai. Neste ponto, ela já

² O que será: A Flor da Pele. Chico Buarque de Holanda (1976)

parecia estar completamente identificada com a mãe, pois poderia perfeitamente sentir que não tinha nada a ver com o que se passou entre eles. Ele aproveitou para dizer que desejava devolver cartas que ele e a mãe trocaram ao longo da vida. Imaginava que Lia gostaria de guardar algo que dizia respeito à intimidade da mãe. Ela aceitou, mas escondeu-as do pai, sentia que estava cometendo uma espécie de traição numa clara cumplicidade com a mãe. É digno de nota que ela nunca tenha lido essas cartas, que representavam uma espécie de “cena primária por escrito”, da qual ela queria ficar fora.

Quando, anos depois, viajou para conhecer Ian e sua família, ela parecia esperar reencontrar um velho conhecido. No lugar disso, sentiu um estranhamento. Isso nos mostra que Ian só era um velho conhecido para sua mãe. Este ponto parecia indicar a confusão entre Lia e sua mãe, e a dimensão de atuação de um desejo que seria o dela, mãe.

Nesse momento Lia foi buscar o seu próprio Ian na figura de Teo. Parecia haver uma espécie de reparação com relação ao ataque que a mãe fez contra si própria, condenando-se a uma vida tão árida. Ela teve uma primeira relação sexual, que a desorganizou completamente. Ela, ao contrário da mãe, rompeu com o seu próprio “*establishment*” e “convoca/entra na Louca”.

Até que ponto esse grau de desorganização foi efeito de uma atuação, e até que ponto era algo necessário, compatível com o descongelamento de sua vida pulsional? Gostaria de citar a frase de Ferenczi, em seu artigo “*O problema do fim da análise*”. Ele diz: “É necessário que tudo volte a ser fluido, por assim dizer, para que em seguida, *a partir desse caos passageiro*, uma nova personalidade melhor adaptada possa constituir-se em condições mais favoráveis” (pag 18, grifos meus). Já em 1927 a noção de um *caos passageiro* como movimento necessário ao processo de análise – no contexto de um artigo sobre o fim da análise – fora sublinhado.

Por um lado ela se confundiu com a mãe, e atuou um aspecto dela “não-simbolizado”: rompeu com um modo de ser engessado por injunções culturais. Isso a desorganizou, pois fez algo que considerava muito grave; nesse momento, ela ainda não fez como sujeito deste ato.

Por outro lado, havia, certamente, uma parte disso em que ela não estava confundida com a mãe. Ao contrário, estava se des-identificando dela. Em função do trabalho analítico algo realmente mudou. E, dessa perspectiva, certo grau de “loucura”

precisava ser vivido, acompanhado de um objeto continente, uma vez que sua história, até então, foi totalmente escrita por meio de “linhas comportadas”. Neste sentido, já havia um sujeito psíquico em ação, já era uma escolha genuína, a busca da realização do desejo.

Como já disse, num primeiro momento fiquei receosa com a atuação, e preocupada com as conseqüências em sua vida. Mas, num segundo momento, entendi que Teo podia ter uma função importante, que era a de tirá-la do lugar em que estava – o que não pode acontecer sem algum estrago.

Sintetizando, se, até certo ponto, ela repetiu a história da mãe, a partir de dado momento fez uma escolha diferente. Em lugar de um fechamento, surgiu uma abertura. Ela saiu da posição subjetiva marcada pela identificação com um feminino enclausurado. Ela se separa – se des-identifica – de certa mãe internalizada – aquela cujo objeto do desejo (Ian) permanecia vivo em seu “lençol freático”, mas cujo cotidiano era árido.

O peso de carregar em si o “não-simbolizado” da mãe a obrigou a organizar-se por meio de defesas dobradas. De forma que, quando as defesas ruíram, veio à tona uma pulsionalidade violenta – a dela, acrescida dos aspectos que carregava de sua mãe. Um fragmento clínico recente:

Lia deixou a casa dos pais e mudou-se para um apartamento, com João e seu pai, que não tem para onde ir. Carregou na mudança, caixas de coisas que a mãe guardara. Olha para a sua sala, entulhada de coisas que não cabem em seu novo espaço e, chorando, pergunta-se: *“por que eu tenho que abrir tudo isso? Será que quando minha mãe guardou essas coisas sabia que era eu quem, um dia, teria de abrir e dar um destino a tudo isso?”*

Este material, *“abrir as caixas fechadas da mãe”*, deu lugar à possibilidade de representar de forma simbólica, o processo de diferenciação com relação à mãe, mais precisamente, do desejo da mãe, ao qual esteve submetida até então. De fato, entende que aqueles objetos eram os que a mãe elegeu para a sua casa um dia, e não os que ela, Lia, escolheria para si; hoje, eles não têm mais a *“cara dela”*. Apontei, então, a questão da diferenciação entre ela e a mãe. E que, talvez, ela tenha carregado muitas coisas que eram da mãe/da família, e que, agora, se encontrava em um lugar mais autônomo.

Finalizando

Finalizado este trabalho, tive uma sessão que vai em direção à minha hipótese. Ela teve uma conversa com o marido em que se colocou abertamente. Contou-me sobre a conversa difícil que tiveram, de maneira serena; percebo que Lia começava a se responsabilizar pela própria vida, se tornando sujeito de seu próprio desejo.

Numa sessão seguinte falou de uma carta que escreveu para Teo. Ele estava indo embora de São Paulo e ela vivia a separação com muita tristeza. Escreveu como ele era importante para ela, fez uma espécie de retrospectiva da relação...falou que se permitiu até algumas bobagens, umas “partes pornôas” e disse: *Estou tão diferente*. Mas adiante citou uma frase de Hilda Hirst que resumia seu estado: *“Intensidade, era apenas isso que eu queria”*.

Bibliografia

Ferenczi,S.(1991). O problema do fim da análise (1927) in *Obras Completas Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud,S. (1969). Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In S.Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J.Salomão, trad., Vol XVI, pp.503-521). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917)

Green, A (1999). Seminar on the work of the negative (1988) in A.Green, *The work of the negative*, (pp.279) Free Association Books, London.

Roussillon, R. (2008) *Fragments cliniques pour Rio*, texto inédito.

Silvia Bracco

smb@bracco.com.br

Tel. 55 11 3081-0717